

Help: rodas de conversa sobre luto e perdas com adolescentes do 8º e 9º anos de uma escola pública de Belo Horizonte/Minas GeraisDOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2023.21.3.7841>

Roberta Andrade e Barros¹, Livia Rezende Milhorato², Krisley Ohana Brito de Souza³, Luma Valverde Rafael Incalado dos Santos⁴, Raphaela Batista Soares⁵, Igor Vieira de Souza Pinto⁶, Newton Antônio de Sales Costa⁷, Jéssica Maria Teixeira⁸

Resumo: O presente artigo tem como objetivo geral apresentar o relato de experiência de rodas de conversa realizadas com alunos do 8º e 9º anos de uma escola pública estadual, de Belo Horizonte, Minas Gerais, pela perspectiva de suas coordenadoras. Como objetivos específicos, têm-se: identificar as produções acadêmicas da Psicologia sobre o luto e sobre o luto na adolescência e refletir sobre o uso da metodologia de roda de conversa na intervenção realizada. Ao todo, ocorreram três rodas de conversa com os temas: “Acolhimento às perdas e ao luto”, “Vamos falar de perdas e lutos” e “Ansiedade no contexto das perdas e lutos”, durante os meses de setembro a novembro de 2022. As intervenções aconteceram no auditório da escola, uma vez por mês, e tiveram como coordenadoras psicólogas e estudantes de Psicologia. Compreende-se que as rodas foram benéficas para os adolescentes participantes, que foram acolhido e tiveram a oportunidade de pensar e falar sobre lutos e perdas. A presente publicação é uma pesquisa qualitativa descritiva e, para sua escrita, foram pesquisadas publicações científicas sobre luto, adolescência e Psicologia nas bibliotecas digitais Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), sem uso de filtros, durante o mês de abril de 2023. Esse trabalho fez com que as coordenadoras pudessem refletir sobre o ciclo da vida, de como a morte faz parte dele, além da importância de trabalhar esses assuntos no ambiente escolar. Destaca-se que tanto a pesquisa bibliográfica como a intervenção apontaram para a necessidade de a Psicologia se dedicar mais aos estudos e às práticas sobre o luto, principalmente entre os adolescentes.

Palavras-chave: Luto, Roda de conversa, Adolescência, Escola pública, Psicologia.

Título em inglês: Help: grief and loss yarning circles with adolescents in the 8th and 9th grades of a public school in Belo Horizonte/Minas Gerais

¹ Doutora em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: roberta.andrade.barros@gmail.com ORCID 0000-0002-1428-840X

² Graduanda em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: lrezendemilhorato@gmail.com ORCID 0009-0002-6007-6202

³ Graduada em Psicologia. Centro Universitário UNA. E-mail: ohana.kris2@gmail.com ORCID 0009-0005-7598-0212

⁴ Graduada em Psicologia. Centro Universitário UNA. E-mail: lumavalverde06@gmail.com ORCID 0009-0006-0415-130X

⁵ Graduada em Psicologia. Centro Universitário UNA. E-mail raphaelasoares2@hotmail.com ORCID 0009-0000-3613-0366

⁶ Graduando em Psicologia. Centro Universitário UNA. E-mail: igorvsouza@prontonmail.com ORCID 0009-0003-8358-4645

⁷ Graduado em Psicologia. Centro Universitário UNA. E-mail: antoniodesalesescritor@gmail.com ORCID 0009-0006-8618-1907

⁸ Graduanda em Psicologia. Centro Universitário UNA. E-mail: jessicamariateixeira@hotmail.com ORCID 0009-0007-2605-3206

Abstract: This article has the general objective of presenting the experience report of talking circles carried out with students from the 8th and 9th grade of a state public school, in Belo Horizonte, Minas Gerais, from the perspective of their coordinators. Hereafter, the specific objectives are listed: (a) to identify academic and scientific production on grief and on grief in adolescence as well as (b) to reflect on the use of the talking circle methodology in the intervention carried out. Altogether, three chatting circles were held with the students, during the months of September to November 2022, and the following topics were addressed: (a) “Acceptance of losses and grief”; (b) “Let's talk about losses and grief”, and (c) “Anxiety in the context of losses and grief”. The interventions took place in the school auditorium, once a month, and were coordinated by psychologists and Psychology students. It is understood that the interventions were beneficial for the teenagers that chose to participate, as they had the opportunity to reflect and talk about grief and loss and were also welcomed during the circles. This work is a qualitative descriptive research and, for its writing, scientific publications on mourning, adolescence and psychology were searched, during the month April 2023, in the digital libraries Scientific Electronic Library Online (Scielo) and Electronic Journals in Psychology (Pepsic), without using filters. The article has allowed the coordinators to think carefully on the cycle of life, how death is part of it, in addition to elucidate the importance of working on these issues in the school environment. It is noteworthy that both the bibliographical research and the intervention pointed to the need for Psychology to dedicate itself more to studies and practices on mourning, especially among adolescents. **Keywords:** Grief, Yarning circles, Adolescence, Public school, Psychology.

Introdução

As consequências da pandemia do coronavírus (como a morte de pessoas queridas, o isolamento social, a diminuição das condições financeiras), o medo e a insegurança gerados pela violência, além das perdas e lutos inerentes ao processo de desenvolvimento humano, são desafios com os quais os adolescentes precisam conviver na contemporaneidade.

Da constatação da falta de um espaço de acolhimento, de escuta e fala sobre essas perdas, surgiu um projeto voluntário, realizado por um grupo de psicólogas e estudantes de Psicologia, com alunos do 8º e 9º anos de uma escola pública estadual, de Belo Horizonte, Minas Gerais, entre os meses de agosto e novembro de 2022.

O presente artigo tem como objetivo geral apresentar o relato de experiência dessa intervenção, pela perspectiva de suas coordenadoras. Como objetivos específicos, têm-se: identificar as produções acadêmicas da Psicologia sobre o luto e sobre o luto na adolescência e, por fim, refletir sobre o uso da metodologia de roda de conversa na intervenção realizada.

Para a escrita desse artigo, foram utilizados textos sobre luto e roda de conversa que haviam sido anteriormente estudados para o planejamento das intervenções, e que

foram buscados por cada uma das coordenadoras da intervenção, sem critérios pré-definidos. Além disso, realizou-se, em abril de 2023, uma pesquisa nas bibliotecas digitais Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). Nessa etapa, foram buscadas publicações sobre luto, luto e Psicologia, luto e adolescência e, por fim, luto, Psicologia e adolescência, sem uso de filtros, como data ou língua de publicação.

Apesar de haver uma quantidade significativa de publicações acerca do luto de uma forma geral, constatou-se uma diminuição desse número quando se acrescentou à busca as palavras-chave Psicologia e/ou adolescência, conforme planilha abaixo:

Quadro 1- Artigos sobre luto, adolescência e/ou Psicologia no SciELO e Pepsic

Biblioteca/ Termo(s) buscado(s)	Palavras-chave			
	Luto	Luto + Psicologia	Luto + Adolescência	Luto + Psicologia + Adolescência
SciELO	282	62	03	02
Pepsic	246	71	06	02

Fonte: Autoria das pesquisadoras responsáveis (2023)

No SciELO, dos dois achados da pesquisa das palavras-chave “luto, Psicologia e adolescência”: um era sobre depressão⁹ e outro sobre o corpo¹⁰. Na busca sobre “luto e adolescência”, duas publicações eram as mesmas da pesquisa anterior e a outra discorria acerca da identificação parental¹¹.

No Pepsic, dos seis resultados encontrados na busca pelas palavras-chave “luto e adolescência”, tem-se: uma publicação sobre as perdas e os lutos da adolescência¹², outra

⁹ MONTEIRO, K. C. C.; LAGE, A. M. V.. A depressão na adolescência. *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 2, p. 257–265, maio 2007.

¹⁰ DIAS, S.. A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico na adolescência. *Psicologia USP*, v. 11, n. 1, p. 119–135, 2000.

¹¹ OLGUIN, D. F.. Análisis psicoanalítico sobre las problemáticas en la identificación con la función parental en la adolescencia: la transición hacia la adultez como un espacio de transformación. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, v. 21, n. 4, p. 761–778, out. 2018.

¹² RAMOS, Maria Beatriz Jacques. *Psicanálise e literatura: Noite na Taverna*. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 29, p. 97-106, set. 2006.

acerca do mal-estar na infância¹³, duas a respeito do processo de luto da adolescência¹⁴, outra sobre a comparação entre o processo de luto e a adolescência¹⁵ e, finalmente, uma sobre depressão nessa etapa do desenvolvimento¹⁶. Na pesquisa acerca do “luto, Psicologia e adolescência”, os achados foram dois artigos, também encontrados na busca anterior, um sobre depressão e o outro sobre o mal-estar na infância.

Destaca-se a prevalência de estudos com viés psicanalítico, bem como o baixo número de publicações acerca do luto dos adolescentes enquanto processo após a morte de alguém que se ama.

Desenvolvimento

O luto é um processo que se dá não apenas pelo falecimento de uma pessoa, mas também por perdas que ocorrem ao longo da vida, sejam elas coisas materiais, amizades, terminos amorosos. Segundo Arantes (2016, p. 135) “a dor do luto é proporcional à intensidade do amor vivido na relação que foi rompida pela morte, mas também é por meio desse amor que conseguiremos nos reconstruir”.

Diante disso, o processo do luto é importante para que ocorra a resignificação desta perda, independentemente se for uma pessoa, uma situação ou as perdas decorrentes do desenvolvimento humano. O luto não é um processo linear e vai depender de cada sujeito e de como aquela situação o afeta.

No momento extremo da dor, vem a tristeza, o choro, o desespero, a raiva. Todos esses sentimentos devem ser aceitos e experimentados. Quando me perguntam se podem chorar, eu digo: “Chore, mas chore muito, mesmo. Deixe o corpo inteiro chorar, estremeça. Grite, deite na cama e esperneie. Permita-se, abra-se a esse encontro pleno com a dor. Aceite essa condição.” E é mágico como a dor passa quando aceitamos sua presença. Olhemos para a dor de frente, ela tem nome e sobrenome. Quando reconhecemos esse sofrimento, ele quase sempre se encolhe. Quando negamos, ele se apodera da nossa vida inteira. (ARANTES, 2016, p. 136).

¹³ BUECHLER, Flávia Tridapalli; KAMERS, Michele. A infância sob o fantasma da-Criança: imperativos de gozo de nossa época. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 123-134, abr. 2020.

¹⁴ TANIS, Bernardo. Especificidade no processo de elaboração do luto na adolescência. *Rev. bras. psicanál.*, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 39-50, set. 2009.

SINISCALCHI, Marcella Bueno Brandão; CARNEIRO, Cristiana. Adolescência, Luto e História. *Cad. psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 41, p. 141-153, dez. 2019.

¹⁵ MEDEIROS, Alberto Antunes; CALAZANS, Roberto. Aproximações entre luto e adolescência. *Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto*, v. 19, n. 1, p. 129-141, 2018.

¹⁶ MONTEIRO, Kátia Cristine Cavalcante; LAGE, Ana Maria Vieira. O uso do teste de apercepção temática na análise da depressão no contexto da adolescência. *Rev. SBPH, Rio de Janeiro*, v. 7, n. 2, p. 20-36, dez. 2004

É importante ressaltar que existem o luto saudável e o luto patológico. O luto considerado saudável, normal, é definido como uma crise, cuja solução depende do repertório de técnicas de enfrentamento do indivíduo, de como a perda é sentida e percebida, das experiências anteriores, da capacidade de tolerância à frustração e da necessidade de manter a autoestima. O desenvolvimento de patologias associadas ao luto estaria atrelado à configuração particular de fatores interrelacionados e interdependentes, de um contexto e de suas implicações socioculturais. (Parkes 1998 *apud* Gomes e Gonçalves *et al.*, 2015, p. 119).

Segundo Freud 1917, *apud* Bouteiller e Mello *et al.* (2017), o luto é uma etapa regular e essencial, mas que pode ser complexo quando a pessoa enlutada não consegue se desligar da pessoa que se foi. Ele também discute a ideia de que o luto envolve um "trabalho psicológico". Para Freud, a pessoa enlutada precisa realizar o "desinvestimento libidinal", processo de desligamento emocional que ocorre quando alguém deixa de investir sua energia emocional (libido) em uma pessoa, objeto ou atividade que anteriormente era importante para ela.

Kovács (2005) aponta que é comum que se tenha dificuldade em lidar com a morte, o que leva a negar a sua existência e a se proteger emocionalmente para não enfrentar experiências dolorosas. Essa negação pode dar a impressão de que a pessoa é imortal, mas, na realidade, é uma ilusão que mascara a fragilidade e a vulnerabilidade, que são inerentes à condição humana. Ou seja, a tentativa de evitar o tema da morte não elimina a sua presença, mas pode levar a uma sensação de falsa segurança e impedir que a pessoa lide de forma saudável com a finitude de si, dos outros e com as perdas que fazem parte da vida.

Abordar o luto em pessoas adultas é complexo, fazê-lo com adolescentes pode ser mais complicado. A adolescência é considerada uma passagem da infância para a vida adulta, marcada por mudanças hormonais, sociais e psicológicas, sendo uma fase que permeia cada indivíduo de forma única. Espera-se que “ao longo desse processo do desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, ocorram situações marcantes que traduzem essa ruptura em novas realidades e percepções sobre sua existência.” (BRETAS *et al.*, 2008, p. 2).

Ao longo dessa etapa do desenvolvimento, as pessoas passarão por lutos simbólicos que irão corroborar a formação da sua identidade, como a perda do corpo infantil, da própria infância e a relação construída com os pais. Nessa fase, o adolescente

passa por dilemas existenciais, profissionais e sexuais, que marcam o que é socialmente reconhecido como a crise da adolescência (CARVALHO; SOUZA, 2020, p. 18).

Especificamente o luto decorrente da morte de um ente querido, seja de um amigo próximo, um membro da família, uma pessoa significativa para aquele adolescente, pode desencadear uma ampla gama de emoções.

De acordo com Papalia *et al.* (2013), o modo como o indivíduo demonstra a sua compreensão sobre a morte e o luto dependem do seu desenvolvimento cognitivo e emocional, os adolescentes podem manifestar depressão, queixas somáticas, comportamento delinquente, promiscuidade, tentativa de suicídio e abandono da escola. Ademais, “a perda de pessoas próximas e parecidas com o adolescente de forma afetiva poderá alertá-lo sobre sua vulnerabilidade, fazendo com que ele se questione sobre sua morte e existência.” (CARVALHO; SOUZA, 2020, p. 18).

Muitos aspectos podem dificultar que o adolescente se sinta confortável para conversar com pessoas próximas acerca do processo de luto que está experienciando, a vergonha de expor os seus sentimentos, o medo de ser julgado e incompreendido, o receio de ser motivo de chacota.

De acordo com Domingos e Maluf (2003), a causa da morte da pessoa também pode ser uma razão a mais para que o adolescente não queira conversar com outros a respeito, circunstâncias consideradas tabus pela sociedade brasileira, como assassinato, AIDS ou suicídio, muitas vezes, fazem com que o adolescente não queira compartilhar a sua perda e a forma como está lidando com essa experiência. Os seus sentimentos também têm mais chances de serem ocultados, o que geralmente acarreta um sofrimento silenciado, visto que o adolescente terá temor da reação de amigos e conhecidos, além das possíveis perguntas e comentários que poderão ser feitos em face de tal assunto.

É importante salientarmos que os ambientes que fazem parte da vida dos adolescentes em processo de luto podem servir de apoio ou desfalque no desenvolvimento desses, sendo a família e a escola as principais instituições de cuidado.

Na família, podem ocorrer diversas situações, por exemplo, a de um jovem que sofre uma perda na infância, mas que toma conhecimento disso apenas na adolescência, seja pela pouca idade para o entendimento de tal circunstância na época do acontecimento ou pelo receio dos pais e responsáveis, que acharam melhor preservá-lo, o que pode ser compreendido como uma dificuldade dos próprios cuidadores para lidar com a perda.

Assim, o luto do adolescente poderá manifestar-se nos anos seguintes, podendo voltar, inclusive, por meio de outra perda. Também existe a possibilidade de os parentes

não saberem como ou terem algum tipo de dificuldade em falar sobre o assunto. Além disso, o adolescente, ao perceber o luto dos pais e de outros familiares, pode escolher “poupá-los” de seu sofrimento, restringindo a si próprio o acontecimento vivido. (DOMINGOS E MALUF, 2003).

Na escola, há a possibilidade de os colegas e professores desses sobreviventes do luto não os acolherem da melhor maneira, o que pode acarretar consequências para a sua saúde mental e o seu desempenho escolar. Alguns estudantes até podem receber certo tipo de apoio de colegas e professores, mas um questionamento a ser feito acerca dessa situação é se esse consolo teria como foco a situação emocional do estudante, o seu desempenho escolar, ou ambos. A escola também deveria estar preparada para lidar com esses acontecimentos em relação aos alunos, visto que a cognição e as emoções estão inseparáveis no desenvolvimento humano (DOMINGOS E MALUF, 2003).

Diante do conhecimento das complexidades da experiência do luto durante a adolescência, além da falta de oferta de espaços acolhedores para falar do luto e das perdas durante essa etapa da vida, um grupo de psicólogas e estudantes de Psicologia decidiu realizar uma intervenção com essa temática, em uma escola pública, que será descrita a seguir.

Metodologia da intervenção

No desenvolvimento do projeto, optou-se pela utilização de rodas de conversa, já que essa é uma metodologia participativa que permite o uso de técnicas de dinamização de grupo em diversos contextos. Considerando o público-alvo, estudantes do 8º e 9º anos de uma escola pública estadual, de Belo Horizonte, Minas Gerais, entendeu-se que a roda seria a metodologia mais adequada para sensibilizar e motivar os adolescentes a pensar e se implicar nas temáticas levantadas, relacionando-as às suas próprias vivências.

Para Afonso e Abade (2008, p. 21), a roda de conversa “é uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão. Para tal, buscamos construir condições para um diálogo entre os participantes através de uma postura de escuta e circulação da palavra.”

Ainda de acordo com essas autoras, a roda de conversa tem como objetivo a difusão da discussão acerca da temática escolhida sempre de forma ajustada à realidade das pessoas envolvidas, ou seja, deve-se adequar as técnicas e a linguagem utilizadas de acordo com o público com o qual se trabalha. A escolha do tema deve fazer parte do

contexto das pessoas e deve também suscitar o interesse delas. A participação na roda tem de ser sempre voluntária.

Além disso, a roda de conversa visa fortalecer a participação pela facilitação do diálogo, a promoção da reflexão acerca do tema relacionando-o às vivências e contextos dos participantes, visto que o simples fornecimento de uma informação não é suficiente para a real compreensão do tema, sendo necessária a inserção da informação em um contexto para que ela produza reflexão e posterior compreensão. (AFONSO; ABADE, 2008).

Diante da disponibilidade das coordenadoras da intervenção ora descrita e das turmas de estudantes com as quais se trabalharam, uma vez aprovado o projeto pela direção escolar, em agosto de 2022, teve início a sua divulgação com os alunos que, espontaneamente, optaram por participar. A escola ficou responsável por avisar os responsáveis sobre o interesse dos alunos em se envolver no projeto, bem como colher as autorizações pertinentes. Entre a primeira reunião da psicóloga responsável pela intervenção e a coordenação da escola e a realização da última roda de conversa, o projeto teve a duração de quatro meses.

Logo após a apresentação da proposta para os adolescentes, teve início a construção do planejamento, com a escolha dos temas e técnicas, a delimitação das responsabilidades e a definição da metodologia, sempre considerando a flexibilidade necessária para os trabalhos em grupos e a necessidade de revisitar o planejamento a partir dos encontros e mesmo no processo de execução das rodas.

Para a construção do planejamento, foram realizadas reuniões virtuais pela plataforma Microsoft Teams, cujos teores foram relatados em atas. As reuniões foram conduzidas pela professora e psicóloga coordenadora, com a participação da equipe composta por estudantes e profissionais de Psicologia, visando à preparação para as discussões a serem realizadas nas rodas, divisão das tarefas relativas à pesquisa, levantamento e produção de textos e materiais.

O planejamento de cada roda foi baseado em uma versão do modelo da folha de trabalho apresentada por Afonso e Abade (2008), realizado com a divisão em três momentos: preparação, trabalho e avaliação, buscando inserir-se, em pelo menos um desses momentos, técnicas lúdicas para incitar o envolvimento e a participação dos adolescentes nas discussões. Seguem abaixo os planejamentos das três rodas:

- Data: 02/09/2022 **Horário:** 8 às 9:30h **Tema:** Acolhimento às perdas e lutos

Quadro 2- Planejamento da 1ª roda de conversa

	Técnicas a utilizar	Tempo Estimado
Preparar	- Separar 8 grupos: mês do nascimento. Escolher um nome para o pequeno grupo.	10 minutos
	- Escravos de Jó em cadeia: nos pequenos grupos, passar o copo de mão em mão, cada um vai falar o seu nome. Quando a música de fundo parar, a pessoa terá de falar o nome das outras pessoas do grupo.	20 minutos
Trabalhar	- Associação livre em grupo: escrever qual palavra vem à cabeça: Perda/luto	30 minutos
	- Escolha do nome do nosso projeto	10 minutos
Avaliar	- Conversar nos grupos pequenos sobre as expectativas de participar desse projeto. Cada pessoa vai escrever uma palavra em um papel (pode ser um tema, um sentimento), colocar em um copo e trocar de grupo. O outro grupo vai ler e escolher as palavras que mais gostou	20 minutos

Fonte: Autoria das pesquisadoras responsáveis (2022)

- Data: 07/10/2022 **Horário:** 8 às 9:30h **Tema:** Vamos falar sobre perdas e lutos.

Quadro 3- Planejamento da 2ª roda de conversa

	Técnicas a utilizar	Tempo Estimado
Preparar	- Separar quatro grupos de acordo com o número escrito no papel que irão receber. Nesse mesmo papel, escrever o nome (crachá)	15 minutos
Trabalhar	- Distribuir dois materiais por grupo sobre perdas e lutos (fotografia, reportagem, letra de música, poema), conversar sobre o que pensam/sentem a respeito.	30 minutos
Avaliar	- Conversar nos grupos pequenos sobre como se sentiu participando do projeto no dia de hoje. - Meditação - Escrever no papel sobre quais lutos e perdas quer tratar no próximo encontro	20 minutos 20 minutos 5 minutos

Fonte: Autoria das pesquisadoras responsáveis (2022)

- Data: 11/11/2022 **Horário:** 8 às 9:30h **Tema:** Vamos falar sobre ansiedade.

Quadro 4- Planejamento da 3ª roda de conversa

	Técnicas a utilizar	Tempo Estimado
Preparar	- Chegada: entrega papel/crachá com um número (de 1 a 4), que irá definir em qual grupo a pessoa ficará, escrever o nome. - Coordenadora: fala introdutória sobre o motivo da escolha do tema “ansiedade” (o mais pedido entre os alunos) - Realização do desenho sobre ansiedade.	10 minutos 5 minutos 15 minutos
Trabalhar	- Cada estudante <u>que quiser</u> vai explicar sobre o desenho - Cada dupla de coordenação do pequeno grupo vai explicar o que é a ansiedade para a Psicologia.	20 minutos 5 minutos

	- Perguntar às/aos estudantes: “Como vocês lidam com a ansiedade?” - Fechamento dessa etapa.	15 minutos 5 minutos
Avaliar	- Pedir que todos/as se acomodem de maneira confortável, aguardar a organização da sala. - Realização de uma técnica respiração - Finalização da roda	3 minutos 10 minutos 2 minutos

Fonte: Autoria das pesquisadoras responsáveis (2022)

Durante todo o planejamento e a prática da intervenção, buscou-se “[...] acreditar na capacidade que o grupo possui de transformação, criação, descoberta e crescimento.” (SERRÃO; BALEEIRO, 1999, p.28). Dessa forma, o planejamento ocorreu para organizar as rodas, mas não foi seguido de forma rígida, uma vez que, na prática, a participação das pessoas envolvidas levava a outras discussões, diferentes das pensadas previamente, conforme apresentado no tópico a seguir.

Resultados e Discussão

Ao todo, foram realizadas três rodas de conversa, uma vez por mês, entre setembro e novembro de 2022, sendo que a primeira delas foi coordenada pela idealizadora do projeto, a segunda e a terceira, além da professora, contaram também com a participação de cinco psicólogas recém-formadas e três estudantes de Psicologia. Todos os encontros foram realizados no auditório da escola.

A primeira roda contou com a participação de 87 adolescentes e o tema gerador foi o “Acolhimento às perdas e ao luto”. Como trabalho de grupo, foram aplicadas três técnicas que visaram dinamizar a interação e a discussão nos grupos e, como trabalho de reflexão, foi feito o levantamento com os alunos de palavras que os remetiam à temática perdas e luto. Durante esse encontro, foi feita a escolha pelos alunos do nome do projeto, uma das adolescentes sugeriu “Help”, que foi acatado pelo restante do grupo. Ao final, houve o levantamento das expectativas com relação às intervenções seguintes.

A segunda roda contou com a participação de 98 adolescentes, tendo como tema gerador “Vamos falar de perdas e lutos”. Os objetivos traçados quanto ao trabalho em grupo levaram à aplicação de uma técnica e de uma meditação guiada que visavam à

sensibilização para o tema e à abertura do diálogo a respeito de perdas e lutos. Quanto ao trabalho de reflexão, foram compartilhadas impressões a respeito de diferentes tipos de luto, bem como o alinhamento das expectativas para a próxima roda. A meditação teve como objetivo a promoção de bem-estar por meio do enfoque da atenção em si e no presente.

A terceira roda contou com a participação de 99 adolescentes e teve como tema gerador a “Ansiedade no contexto das perdas e lutos”. Os objetivos traçados quanto ao trabalho em grupo levaram à proposição do desenho e uma técnica de respiração. Quanto ao trabalho de reflexão, foi aberta a palavra para que os alunos manifestassem sua compreensão sobre o que é ansiedade e possíveis formas de lidar com esse sentimento. Foram feitas intervenções pelo grupo de coordenadoras explicando o que é a ansiedade normal e patológica, bem como apresentadas algumas formas de lidar com esses diferentes tipos de ansiedade. A técnica de respiração aplicada teve o intuito de exemplificar uma forma de controle da ansiedade, mas também de permitir um momento de relaxamento para o encerramento da roda e retorno dos alunos às atividades escolares.

Vale destacar que a intervenção foi aberta, ou seja, a cada roda participavam novos estudantes, com isso, em todos os encontros foi necessário fazer um momento inicial de apresentação das pessoas envolvidas.

Por dificuldades em encontrar uma data disponível e devido ao término do ano letivo, não foi possível a realização de uma reunião com a direção da escola para avaliação do projeto. Na reunião com o grupo de coordenadoras das rodas, todas tiveram a oportunidade de manifestar suas percepções relativas à experiência que reforçaram o entendimento de que “[a]ssim é o trabalho com o adolescente, cheio de possibilidades e de reconstruções. As sementes deixadas germinarão ao seu tempo. Os frutos, talvez não os possamos colher, mas sabemos que lá estarão para serem colhidos.” (SERRÃO e BALEEIRO, 1999, p. 30).

As coordenadoras avaliaram que a experiência das rodas de conversas com adolescentes foi desafiadora e, ao mesmo tempo, gratificante. Dois desafios relatados foram o barulho no local e a quantidade de adolescentes participantes, pontos que já tinham sido relatados ao longo do processo. Para tentar contornar essas dificuldades, os adolescentes foram organizados em pequenos grupos e as coordenadoras, divididas em duplas ou trios, para que pudessem realizar o que foi planejado no cronograma da roda.

A avaliação das coordenadoras da intervenção evidenciou o quanto é importante o uso da metodologia de roda de conversa, especialmente com adolescentes e no ambiente

escolar. Com ela, os participantes constroem uma identidade, têm a possibilidade de vivenciar um nível de sintonia elevado e, com isso, podem se expressar com mais intensidade, inclusive sobre temas complexos, como o luto e as perdas. Além de ter um sentimento de pertencimento, de fazer parte de algo, os adolescentes puderam identificar, nos seus pares, similaridade e familiaridade. É um processo orgânico que possibilita a construção do outro na diversidade.

Considerações finais

Compreende-se que essa intervenção surtiu efeito para os adolescentes que dela participaram, pois foi criado um ambiente acolhedor para que eles falassem sobre os seus sentimentos em relação às perdas e aos lutos, bem como possibilitou que eles pudessem refletir sobre essas temáticas.

Assim como trouxe consequências positivas para as coordenadoras dos encontros: professora/psicóloga, psicólogas recém-formadas e estudantes de Psicologia, que, no trabalho com adolescentes, lidaram com alguns desafios: usar os seus corpos, fazer-se ouvir, ouvir e acolher, aceitar o movimento do público, lidar com as conversas paralelas, adaptar as linguagens geralmente utilizadas.

Ao mesmo tempo, encarar algo que faz parte também da vida: o luto, as perdas. Temas tão difíceis de abordar e, ao mesmo tempo, extremamente necessários, que geralmente não são falados no cotidiano. Entender que é preciso se reorganizar para então enfrentar esse processo e seguir a vida, compreender sobretudo que a vida é um ciclo e que a morte faz parte dele.

Espera-se que as famílias e as escolas possam ser instituições de cuidado e de acolhimento, inclusive nas situações delicadas, como nas ressignificações do luto. Indo ao encontro do proposto por Kovács (2005), que defende a importância da formação de profissionais da área de saúde e educação em relação à compreensão e à elaboração da morte e do luto.

Referências

ABADE, F. L.; AFONSO, M. L. M. **Para reinventar as rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008. *E-Book*. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lapip/PARA_REINVENTAR_AS_RODAS.pdf. Acesso em 28 de jun. de 2023.

AFONSO, M. L. M. Brincadeira tem hora? Uso e abuso das técnicas em processos grupais. M. L. M. Afonso (Org.), **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde**, 2ª ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 157 a 175.

ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

BOUTEILLER, B.; MELLO, C. B. Luto e melancolia: variações com o texto de Freud. In: **Reverso**, v. 39, n. 73, jun. 2017, p. 35-44. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 abr. 2023.

BRÊTAS, J. R. S. *et al.* Os rituais de passagem segundo adolescentes. In: **ACTA Paulista de Enfermagem** [online]. v. 21, n. 3, 2008, pp. 404-411. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/Rfnfx983KNHBzXhtN7Vdkqj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 abr. 2023

CARVALHO K. S. A.; SOUZA M. L. **A elaboração do luto pelo ser humano do nascimento a finitude da vida**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia) – Faculdade de Americana, Americana, 2020.

DOMINGOS, B.; MALUF, M. R. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, 2003, p. 577-589.

GOMES, L. B.; GONÇALVES, J. R. *et.al.* Processo de luto: a importância do diagnóstico diferencial na prática clínica. In: **Revista de Ciências Humanas**, v. 49, n. 2, jul-dez 2015, p. 118-139.

KOVÁCS, M. J. Educação para a Morte. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 25, n. 3, 2005, p. 484–497. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/SkwBgq7Xm8GLKJpQxmMMpDh/?lang=pt>>. Acesso em 10 de abr. 2023.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

SERRÃO, M.; BALEEIRO, M. C. **Aprendendo a ser e a conviver**. São Paulo: FTD, 1999.

Submissão: 03/05/2023. **Aprovação:** 05/07/2023. **Publicação:** 20/12/2023.